www.nuevorden.net ; www.nuevorden.net/portugues/
Um website à serviço do Povo e da Nação

DO GENOMA ÀS DIFERENÇAS RACIAIS

O RACISMO DA CIÊNCIA E DAS DIFERENÇAS FÍSICAS ÀS CULTURAIS, A ESCRAVIDÃO E OS "CHOROMINGOS" DE SEMPRE. UMA REVISÃO DE COMO NÃO SOMOS IGUAIS NEM NUNCA SEREMOS.

DIFERENÇAS RACIAIS

Todos, televisões, rádios e imprensa se apressaram em afirmar que a organização do Genoma acabava cientificamente com o racismo e que inclusive havia mais semelhança entre pessoas de duas raças que entre vizinhos de um mesmo povo.

A euforia só tem durado para eles um par de semanas, visto que o descobrimento científico parece ser "politicamente incorreto".

Obviamente apesar de dizer por voz ativa e por passiva que as raças não existem ninguém se apressou em abolir artigos penais anti-racistas nem a retirar as milhares de milhões de ajudas para "minorias étnicas" que cientificamente "não existem".

A realidade é bem diferente da versão oficial, 0,01% de diferença encontrado é uma quantidade gigantesca, aqui entra em jogo o tema das proporções: 0,01% é uma quantidade grande ou pequena com respeito segundo que, ganhar de 5 pontos no basquete é um resultado pequeno, ganhar por 5-0 no futebol é uma goleada humilhantes, com 0,01% de um pastel de carne nós morremos de fome mas com 0,01% dos depósitos do Chase Manhattan Bank somos multimilionários. Estas proporções são entendidas por qualquer um mediamente inteligente, inclusive se é jornalista.

O de que há pessoas mais parecidas geneticamente entre raças distantes que em pessoas de um mesmo povo é simples e claramente mentira, depois de haver visitado 700 webs em três idiomas sobre o Genoma em nenhuma delas se faz referência a este ponto.

99,99% de igualdade racial segundo o mundialismo ou 0,01% de diferença segundo a ciência é já por si revelador, em primeiro lugar obviamente pela cifra mesma, de ser todos iguais as diferenças seriam de 0,00% em segundo lugar pelo antes citado tema das proporções, 0,01% de 30.000 genes (TRINTA MIL) os quais compõem 3.000 milhões (TRÊS MILHÕES) de bases púricas e pirimídicas é um resultado que escapa para o melhor sonho do mais fanático racista. Possuímos 30.000 genes, em média um gene tem 5.600 pares, os genes idênticos entre raças (ou devemos dizer

espécies?) chegam a ser só de 15% a 30% uma média de 1.000.000 (UM MILHÃO) de pares de nucleotídeos diferentes segundo a raça e inclusive a etnia. Existe menos diferença genética entre um cão doméstico e um lobo selvagem, ou entre um gato doméstico e um tigre de bengala que entre um branco e um chinês.

A proporção de 0,01% é ainda maior se temos em conta que 97% dos genes são controlados por 3% restante. Os pesquisadores chamaram estes 97% de "genes lixo", assim esse 0,01% tem que ser computado sobre os 3% válido genético como 100, a desigualdade racial seria na verdade o resultado de 3/100= 0,01/x, quase um terço (33,33%) das diferenças totais.

Estes dados assustam os mundialistas e ainda mais que agora se pesquisa o Proteoma, ou como as proteínas reagem com o meio ambiente, o que nos dá que tantos por cento somos e que tantos por cento nos influencia o exterior.

Só esse medo explica que se tenha censurado o maior descobrimento biológico da História apenas um ano depois de seu nascimento.

O GOVERNO MUNDIAL SIM ACREDITA NAS DESIGUALDADES RACIAIS

Apesar de suas declaração em fóruns mundialistas, constituições, códigos penais e meios de comunicação, os donos do mundo acreditam na desigualdade genética e por isso pesquisam no que se conhece como ARMA FINAL, o vírus étnico com qualidades classificadas para cada raça, etnia e inclusive sub-etnia. Uma substância que possa ser lançada sobre uma cidade deixando ilesos os habitantes de uma raça e matando os de outra. O mesmo Projeto Genoma é o "ramo civil" destas pesquisas, a desculpa para o desenvolvimento destas armas, não é a primeira vez que um projeto militar se aplica, pois, à sociedade.

Não se trata de uma nova conspiração: é de um domínio público desde Agosto de 1999 na qual TVE em seu programa "Documentos TV: As Novas armas químicas" (emitido também no canal Arte francês e TV5 da Suíça) entrevistava um alto funcionário militar dos EE.UU. e uma cientista britânica: laboratórios militares dos EE.UU, do Reino Unido e de Israel a desenvolveram, na supremacia dos estudos estão os judeus que em poucos anos podem obter vírus que diferenciem entre eles e os palestinos apesar de ser dois povos semitas e portanto tão parecidos como pode ser um russo e um búlgaro.

A CIÊNCIA É RACISTA

Se nos perguntássemos que porcentagem de nossos genes está evidenciado na raça a resposta poderia estar na classe do 0,01 por cento, assegura Harold P. Freeman, presidente e diretor de cirurgia no North General Hospital em Manhattan, quem estudou o tema da biologia e da raça.

O doutor Philippe Rushton, psicólogo da Universidade de Western Ontário no Canadá e autor de Raça, Evolução e Comportamento, é talvez o mais incansável proponente da teoria de que as três raças principais diferem geneticamente de maneiras que afetam o quociente intelectual médio do grupo e da tendência à conduta criminosa.

Os cardiopáticos da raça preta tem um risco maior de parada cardíaca

Os sujeitos de raça preta com disfunção sistólica ventricular esquerda leve ou moderada parecem ter um maior risco de progressão a insuficiência cardíaca congestiva e de morrer por qualquer causa que os indivíduos de raça branca nas mesmas condições, assegura uma pesquisa publicada no último número do The New England Journal of Medicine. Os resultados sugerem que devem de existir diferenças raciais (!!!!) no desenvolvimento da disfunção sistólica ventricular esquerda sintomática ou assintomática. DM. Nova York. 3-1-1999

A Diabete Mellitus (DM) é uma doença metabólica caracterizada pelo déficit parcial ou total de insulina, que tem como conseqüência o aumento de glicose no sangue e urina. A DM é a doença endócrina mais freqüente. Em sua distribuição existem inolvidáveis diferenças raciais, assim nos índios Pimas norte americanos a incidência real da doença supera 40% da população adulta, contrastando com a incidência dos esquimós nos quais a doença aparece em 0'025% do total da população. Na Europa podemos considerar a cifra global da DM por volta de 4% da população.

— A raça preta apresenta a córnea mais delgada que a raça branca

Os afro-americanos têm as córneas mais delgadas que os brancos, segundo os resultados de um estudo publicado em Archives of Ophtalmology.

O glaucoma afeta seis vezes mais as pessoas de raça preta que as de raça branca, chegando a supor nos primeiros uma causa de cegueira irreversível. Além disso, as pessoas de cor tendem a desenvolver a doença dez anos antes. Uma das autoras do estudo Silvia Orengo-Nania, do Centro Médico Houston Veterans Affairs, do Texas, nos Estados Unidos, explicou que a pressão intra-ocular é um dos múltiplos fatores usados no diagnóstico do glaucoma.

DIFERENÇAS RACIAIS EM CÂNCER DE MAMA

Publicação em saludpublica.com:
26 de Dezembro de 2000
Cidade da pesquisa: Detroit, EE.UU.
Fonte Informativa: Surgery, Volume 125
Instituição pesquisadora: Division of General Surgery, Henry Ford Hospital, Detroit, Michigan, EE.UU.
Autores: Velanovich V, Ulcickas Yood M, Bawle U e colaboradores.
Título original: [Racial differences in the presentation and surgical management of breast cancer]

Apesar do atendimento médico comparável, as mulheres afro-americanas apresentaram maior freqüência da doença em estágio II. A incidência da patologia em estados avançados foi similar e não se registraram diferenças em relação com o tratamento cirúrgico. Assim mesmo, este grupo populacional tende a apresentar um prognóstico mais favorável que as mulheres brancas ainda mesmo quando estiver começando o segundo estágio da doença.

O Sistema de Atendimento Médico Henry Ford (HFHS) é uma organização que oferece assistência média no sudoeste de Michigan. O hospital de nível terciário atende a pacientes do sistema de Organização de Cuidado da Saúde (HMO) assim como a doentes com planos de saúde pagos por serviços. Desde 1990, o Departamento de Cirurgia desenvolveu uma Pesquisa de Câncer de Mama, que inclui informação sobre o tratamento e evolução das doenças com esta patologia; nele os autores identificaram todas as mulheres afro-americanas e brancas com câncer de mama recentemente diagnosticado, entre 1990 e 1997.

Quase 46% das afro-americanas foram vistas, pela primeira vez, com a doença no estado II, III e IV em comparação com 39% das mulheres brancas. Entre as doentes com patologia em etapa II, as afro-americanas tiveram tumores de mais de 2 cm e com maior freqüência que as mulheres de raça branca.

As mulheres afro-americanas tiveram menor probabilidade de apresentação da doença no estágio I, embora maior no estágio II (30.5% versus 36.2% e 36.8% versus 31.4%, respectivamente).

Depois da análise global e classificação segundo a idade, estado tumoroso, estado civil, recursos econômicos e ajudas médicas, os autores não detectaram diferenças significativas no tipo de tratamento que receberam as mulheres dos dois grupos.

As diferenças raciais determinam o risco de infarto cerebral.

Três estudos apresentados na XXVI Conferência Internacional sobre o Íctus, em Fort Lauderdale, Estados Unidos, indicam que existe maior

risco de íctus em função das diferenças demográficas e de raças. Estas diferenças foram observadas em 50 países que tinham a menor taxa de íctus e em outros 50 paises mais desenvolvidos.

George Howard, chefe do Departamento de Bioestatística da Universidade do Alabama, indicou que as taxas de íctus podem variar significantemente nos diferentes paises ou estados. Fonte: Jornal Médico 15-02-2001

A Doença Inflamatória Intestinal (EII) é uma doença de base genética, como se pode estudar com o sistema HLA no cromossomo 6. Embora se apresente em todas as populações, no povo judaico é mais freqüente.

A Doença de Crohn, (outra forma de inflamação intestinal) é desconhecida entre os japoneses contrastando com o alto grau de afetados em judeus, observando-se diferenças fundamentais entre judeus Sefarditas (menos afetados) e askenazis (mais afetados), se observa que o fator genético é o principal, por cada doente devido a causas ambientais há 30 que herdam a doença.

A taxa mais alta do mundo de Diabetes são possuídas pelos índios Pimas do Arizona, com alta incidência em grupos étnicos da família nativo-americana.

A Tolerância Reduzida à Glicose (IGT) se dá em 5,5% de brancos, 10,87% de pretos, 15,3 % de cubanos e 19% de mexicanos dos EEUU, existe igualmente uma forte associação entre a porcentagem genética índio-americano e os casos de diabetes em latino-americanos e europeu-americanos, de 185 miligramas/dl no grupo latino frente a 165 mg/dl do europeu, além de apresentar mais casos de doenças renais, por outro lado sobrevivem em maior porcentagem a estas doenças que os brancos.

Cavalli Sforza e seus colaboradores, no maior estudo genético sobre populações encontra 21 pontos genéticos diferentes entre ingleses e dinamarqueses, com 40% máximo entre povos europeus, entre um inglês e um índio Navajo há 947 pontos, 2288 com os Bantús e 2373 com os pretos M'Butis.

O estudo se chama The Story and geography of Human genes, 1994, Cavalli Sforza. Cavalli Sforza destaca que há mais diferenças de DNA Mitocondrial entre um cão doméstico e um lobo que entre raças humanas apesar do grande salto evolutivo do cão com relação ao resto dos caninos.

A freqüência cDe no sangue dos pretos nos EE.UU. é de 45% frente a 2% nos europeus, em pretos Cafres da Namíbia é dado em 63% da população aumentando a 64% em negros sudaneses (do Sudão). A Anemia Hemolítica (Sickle Cell) que só dá em pretos, os glóbulos vermelhos aparecem com curvatura de meia lua, foi encontrado em 16% dos pretos dos EE.UU. e até em 40% dos pretos africanos. O doutor Ian Mac Nish

assegura que os grupos sanguíneos variam segundo as etnias. Os índios da América do Sul sem antepassados pretos ou europeus são 98,5% do grupo O, os nativos da Austrália não tem A nem AB, por outro lado os europeus nórdicos (escandinavos) tem a taxa mais alta de tipo A.

A quantidade de proteínas no sangue difere segundo os grupos étnicos (Roger Pearson), o antígeno A2 do complexo HLA se dá em 0,27 em brancos europeus, 0,09 em pretos e 0,07 em japoneses. O alelo Fy3 do sistema Duffy se dá em 40% nos brancos, 0% em pretos da África Ocidental (Senegal, Gâmbia e Nigéria) muito raro no resto dos africanos que apenas alcançam 1%, por outro lado o alelo Ro não existe em brancos europeus mas sim em 60% em pretos africanos. Os índios da América do Norte junto com os nativos da Austrália não têm quase Ib no sangue, por outro lado (sobretudo do Vietnã e da Tailândia) alcançam 82% de Ib.

Enquanto os brancos tem 0,74 de fosfoglucomutase no sangue, os pretos chegam a 0,37, nos japoneses a presença de B12 é inexistente comparada com os europeus, daí sua pouca resistência ao álcool. Os brancos mediterrâneos têm a taxa de B-Talasemia mais alta do mundo. O fêmur, a rótula e a tíbia do preto é tão diferente que um médico pode determinar a raça só com uma olhada no esqueleto de um cadáver.

90% das crianças com AIDS nos EE.UU. são pretas, para cada branco com Sífilis há 50 pretos, uma mulher branca tem 15 vezes mais o risco de contrair uma doença venérea por ter relações com um preto heterossexual que com um branco.

Os Doutores H.M.Roland e D.A.Swan destacam que existem diferenças nos grupos étnicos com respeito aos seus sistemas endócrinos, afirmação que coincide com o fato das diferenças de estaturas entre populações.

O tamanho médio do cérebro varia desde os 950 cm^3 do nativo australiano aos 1500cm^3 do europeu continental. O do antropóide mais evoluído é de 600 cm^3, há, pois, mais diferença entre um branco e um primata (550cm^3) que entre este último e o macaco (350cm^3).

As respostas físicas nos encefalogramas (Flicker ou Pestanejo) variam igualmente entre raças, os chineses e pretos tem uma gama de reações a estímulos luminosos mais simples e menos variadas que os brancos.

Os japoneses e os judeus são povos com maior índice de miopia, entre os japoneses a atrofia óptica congênita é normal.

Em 1963 a OMS informava que a Leucemia era o dobro mais comum entre os judeus de Nova York e o resto de etnias residentes nessa cidade.

Uma curiosa pesquisa do professor Marchoux consistiu em estudar uma reprodução artificial de Pneumococos ao qual ia adicionando sangue de

diferentes doadores classificados por sua raça. Ao adicionar sangue preto os Pneumococos cresceram espetacularmente enquanto que as demais reproduções com sangue de outras raças não variavam.

A Tuberculose é freqüente em pretos (11 para 1 com brancos), porém desconhecida entre os judeus. Os seguem em escala de afetados os Lapões (da Lapônia, região do norte da Europa) e Árabes. As impressões digitais também apresentam diferenças raciais: Um estudo oficial do estado de Israel sobre judeus chegados de todo o mundo encontrou que as impressões digitais eram semelhantes apesar de vir de todo tipo de climas e países.

Nos orientais "as curvas digitais" é desconhecido, em brancos há 40% mais e em pretos 70%, os brancos têm mais proporção de desenhos em forma de redemoinho que os pretos, os chineses apenas tem desenhos de presilha enquanto que os norte-africanos e árabes do Oriente Médio tem mais presilhas que os brancos.

A "Mancha mongólica" ou mancha pigmentária mongólica é uma mancha que aparece no glúteo ou na parte posterior do joelho, desaparece aos 10 anos. Acontece em 80% dos orientais asiáticos e pretos africanos, 50% em hindus, 30% em semitas da África e só em 1,5% de brancos da Europa. Em princípio os antropólogos a estudaram em busca da origem comum dos povos até que se deram conta que a maior parte de grandes macacos a possuíam também. Não deixa de ser revelador que esta característica dos primatas seja raro em europeus (apenas 1,5%) por 80% em orientais e pretos.

Sobre uma hipotética origem comum das raças segue sem se encontrar ainda uma série de elementos perdidos, ninguém tem conseguido refutar o norueguês Bryn e sua obra "Entwiclung der Menschenramen" de 25 tomos na qual assegura que as raças apareceram ISOLADAMENTE umas das outras no Oligoceno, encontrando-se não uma, mas várias dezenas de elementos intermediários e principais perdidos entre as raças.

Os anti-racistas, vendo que não se pode negar a existência de diferenças raciais então contra-atacam com os benefícios da mestiçagem: se um preto é imune ao câncer de pele e um judeu à tuberculose, o resultado da mistura serão indivíduos imunes às duas doenças, assim é seu raciocínio biológico, e porém:

Donald Pierson, estudando as populações no Brasil observou que enquanto 26,9% dos pretos e 21,4% dos brancos afetados de tuberculose morriam, no caso dos mestiços a proporção se elevava a 49%, o dobro quase.

O geneticista D.Darlington assegura que a mistura racial altera os cromossomos sexuais em gerações posteriores. Outro geneticista, o professor Haggerdom revela que a primeira geração de mestiços sempre é superior à dos pais, mas nas seguintes gerações aparecem todo tipo de

doenças novas e deformações. (supostamente pelo motivo que se vai perdendo os laços genéticos originais)

Pesquisadores de Davenport e Steggarda na Jamaica sobre mestiços de preto, branco e alguns grupos com sangue indígena encontraram deformações não freqüentes como braços muito longos e pernas curtas em proporção com o corpo. WJ Bryan estudou filhos de parceiros mistos na área de Liverpool encontrando um índice alto de mandíbulas deformadas.

O endocrinólogo norueguês J.A. Mjöen, um dos maiores cientistas desse país, diz que a mistura de genes estranhos é muito prejudicial para o desenvolvimento do corpo, Mjöen, estudou diferentes grupos humanos, em todas as cruzas o sistema imunológico tinha queda com a segunda geração. Nos mestiços de norueguês (branco) e lapão encontrou a taxa de diabetes mais alta da Europa. Cientistas como Gould, Hoffman, Thillinsgrast, Buschan, Ziemssen, Sichel, Oppenheim, Rosenthal, Reichardt, Plicz, Frigyes, Offers, etc (bastantes deles judeus) opinam o mesmo: a mistura de genes estanhos altera o sistema imunológico humano.

INTELIGÊNCIA, DESENVOLVIMENTO SOCIAL.

Foi demonstrado que a esquizofrenia, a pressão sanguínea, a altura, a circunferência do quadril, o peso e muitas outras características se herdam. Os organismos mundialistas admitem que se pode herdar tudo menos o QI (coeficiente intelectual), pois isso seria reconhecer a desigualdade total entre raças. E os mundialistas por muito poder que tenham não deixam de ser políticos, não cientistas; e estes últimos opinam tudo o contrário. (opinam todo o contrário por não terem alternativa, pelo fato de não perderem seus diplomas, de serem chamados de racistas, etc, etc, etc, na verdade por maquinações judaicas)

Um recente trabalho conjunto das universidades de Murcia (Espanha) e San Francisco (EEUU), publicado na revista Science de Agosto de 1999, sobre a parte externa cerebral, demonstra que existe um mapa genético do cérebro já definido desde o embrião.

O cérebro constitui 2% do peso total no corpo enquanto que consome 25% de suas calorias.

O QI do preto nos EEUU está 15 a 20 pontos abaixo do branco.

Tem um quociente de 85, só 16% da população preta dos EEUU chega ao 100 frente à 50% de brancos que supera essa cifra.

Para cada branco com um QI de 50 a 70 (retardado) há 6 pretos com a mesma pontuação, para cada preto que chega a 130 (muito inteligente) há 10 brancos.

Em exames universitários de graduação (PACE) 58% dos brancos pontuam 70 por 12% dos negros, 16% dos brancos supera 90, frente a só 1% dos estudantes pretos que alcancem esta cifra. Uma proporção de 1 para 80.

Um estudo do QI em crianças adotadas por famílias ricas e com estudos superiores, mostrava como as crianças pretas tinham uma média de 89, os mestiços de 98 e os brancos de 106. (Wenberg Scarr's 1992).

A doutora Audrey M.Shuey diz que as maiores diferenças se encontram em testes de inteligência abstrata. (naquelas de difícil compreensão)

Na Europa há 2.150.000 cientistas, 92.000 na Ásia e 32.000 na África.

Isto supõe 600 cientistas para cada 100.000 habitantes na Europa, 26 na Ásia e 0,6 na África.

Um governo na África dura 7 meses em média no poder, na Zâmbia não se repara nem um só km de estradas desde a retirada dos europeus, na África do Sul, pais governado durante séculos por brancos, há mais cientistas, universitários e milionários pretos que no resto do mundo incluindo o Caribe e os pretos dos EEUU.

Nos anos 1950 as escolas públicas dos EEUU eram as mais avançadas do mundo, também eram naquele tempo maioria os alunos e professores brancos. 50 anos depois, depois de milhares e milhões de dólares em "integração" (alguém pensou se eles de verdade querem se integrar? Os centros públicos norte-americanos ocupam o último lugar a nível mundial entre os paises desenvolvidos, em 1990 só o estado da Califórnia gastava 500.000.000 de dólares em integração forçada, o sistema público dos EEUU exige que todos os seus centros de ensino tenham minorias pretas e asiáticas embora vivam no outro lado da cidade, isto acarreta um gasto enorme em transporte gratuito e em alimentos para os centros com refeitórios. A leis de integração forçada, exigem professores de outras raças embora suas qualificações acadêmicas não sirvam para isso, são já mais de 20 anos derrubando as normas estabelecidas para por professores pretos e asiáticos, ainda assim 80% dos professores pretos não alcançam a colocação acadêmica (mestrado, doutorado, pós-doutorado, etc, etc) de seus colegas brancos, dito de outro modo, estão pela lei não por méritos acadêmicos, o que por outro lado repercute na qualidade da educação.

O doutor Pitirim Sorokim em seu livro "Contemporary Sociological Theories" faz uma seleção de resultados emitidos por estudiosos do CI, nele vários autores opinam o seguinte: O pesquisador Yesker afirma que um preto de 13 anos tem a idade mental de um branco de 10 (!!!!). Keller

diz que só 4% dos pretos alcançam 95 de CI, a pontuação média de um branco. Peterson: 95% dos brancos superam os pretos em qualquer teste de QI. Mac Fadden: Só 14% dos pretos ultrapassam 95 de QI, pontuação considerada normal em brancos.

O Doutor Stanley D.Portens, professor da Universidade do Hawaii fez teste de QI em indígenas da Malásia, Filipinas, bosquímanos africanos (indivíduos de um povo preto que habita o deserto de Kalahari, na África), nativos australianos, etc. Em todos a ordem de pontuação (em seqüência) foi:

1º - Branco do Hawaii

2º - Japonês do Hawaii

3º - Indígena filipino

4º - Malaio

5º - Preto do Hawaii

6º - Bantu

7º - Nativo australiano

8º - Bosquímano africano

O Doutor Garrett, com dados de um exame (prova) oficial do estado da Flórida para pretos desse estado e outro produzido pelo Dr Termann entre 3000 crianças brancas dos EEUU encontrou o seguinte:

O QI da criança preta é de 80,7 pontos de média. O do branco é de 101,8 pontos.

Só 5% de pretos pontuaram acima da média branca anterior (101 pontos) enquanto que 89% dos brancos fizeram acima da média preta (80).

31% das crianças brancas alcançavam pontuações de inteligente e superdotado frente a 1% de pretos. Na categoria de "pertos" de serem retardados 8,2% de brancos por 50% de pretos.

Num exame similar feito na Carolina do Norte (ano 1956) antes das integrações forçadas, se viam resultados iguais. Nesse estudo 2000 estudantes foram examinados, crianças brancas por professores brancos e pretos por pretos, aplicaram à eles o teste de QI Quick Scoring, nenhum aluno preto da Carolina obteve uma pontuação de QI igual ou superior a 120 por 126 brancos que o alcançaram e/ou superavam (5%), os brancos pontuavam de média 99 por 81 dos pretos. Os mesmos alunos foram

examinados dois anos depois com resultados similares, os brancos pontuavam de média 101 por 84 dos pretos. Foram analisados 2361 alunos.

"A pretensão (comenta Wesley Critz George) de que as diferenças entre brancos e pretos nos testes de capacidade mental seriam eliminadas se se igualassem os fatores educacionais e outros fatores culturais têm escassa validez. Pelo contrário, a evidência de que colocamos demonstra a improbabilidade de que a equiparação dos fatores culturais chegará a equiparar os resultados médios dos testes". George observa que as diferenças que, entre as raças branca e preta, põe em evidência os testes de QI, de acordo com as pesquisas de Shuey, Mc Gurck, Garrett, etc., se pareciam igualmente ao dos pretos do condado deKent, Ontario (Canadá), estabelecidos em dita região em igualdade de condições com os brancos, antes da guerra de secessão norte-americana ou no transcurso da mesma.

Os resultados do estudo feito por H.A. Tanser em dito condado canadense, mostravam que as crianças pretas, apesar desta igualdade de oportunidades, se encontravam de um modo acusado bem abaixo da média branca, em todas as idades e em todos os graus. O "overlap" preto das normas brancas oscilava entre 13% e 20%. Em todos os testes-verbais e não idiomáticos (verbal and no-language), as crianças brancas superavam os da raça preta em uma média de 15 a 19 pontos de QI.

William Shockley, Prêmio Nobel e Doutorado pela Universidade de Stanford dizia em 1969 que "os pretos norte-americanos são geneticamente menos inteligentes que qualquer povo branco".

A.Daniels afirmava em 1987 que a África está tão atrasada que custaria menos mandar qualquer coisa à Marte que produzi-la no continente preto.

Um meio, indica Garrett, de eliminar a incidência dos fatores sociais e ambientais é comparar crianças brancas e pretas muitos jovens para ser afetados pelas diferenças culturais e socioeconômicas.

Levando a cabo uma pesquisa deste tipo, o Dr. Myrtle Mc Graw comparou 68 crianças brancas com 60 crianças pretas, dos 2 aos 11 meses de idade, todos eles residentes em uma comunidade do Sul. Foram entregues às crianças "baby tests" (teste de QI para bebes), desenvolvidos pelo Dr. C. Büwer de Viena, que permite comparar crianças da mesma idade mediante uns "coeficientes de desenvolvimento" (DQs: developmental quotients) que vem a ser um equivalente do QI para crianças de muita curta idade. De tal estudo resultou que os "DQs dos bebes brancos eram mais elevados que os dos bebes pretos em cada nível de meses. As diferenças oscilavam em torno de um quociente de 13 pontos (!!!), sendo o DQ médio para todos os bebes pretos de 92 e para os bebes brancos de 105. Exatamente 28% das crianças pretas superavam o DQ médio das crianças brancas (quase exatamente igual ao overlap preto-branco das qualificações Alpha da primeira guerra

mundial)". Garrett menciona também os resultados de diversos testes dirigidos à 8.400 crianças pretas e 8.000 crianças brancas da escola de Chicago. Das 8.400 crianças pretas, só 103 tinham um QI Stanford-Binet igual ou superior a 120, enquanto na população de 8.000 crianças brancas a incidência dos QIs Stanford-Binet superior ou igual a 120 era de 500 a 800, segundo a forma de Stanford-Binet empregada.

A relação, pois, de crianças brilhantes brancas com relação às crianças brilhantes pretas é de 6 ou 7 para 1 (Garrett observa, por outro lado, que das 103 crianças brilhantes pretas, 78% acusa alguma ascendência branca).

A ONU emite cada ano um relatório de desenvolvimento humano classificado por paises, nele se comparam elementos tais como número de bibliotecas, universidades, médicos por habitante, quantos museus tem um estado, quanto investe em educação, quantas estradas possui, lagos e grandes obras tem, se os trens e ônibus são pontuais, como funciona a saúde, os índices de criminalidade, a quantas pessoas atende o estado, emprego, etc, em resumo, TUDO o relacionado com o avançado que pode estar um país. Pois todos os anos os 20 paises mais atrasados são os mesmos: da África preta, o mais atrasado da América é o Haiti o único pais americano 100% preto.

No topo da lista ano após ano é Islândia, Noruega, Japão e Dinamarca, entre os 20 paises mais desenvolvidos do mundo 17 são europeus ou habitados por brancos (Austrália, Nova Zelândia).

46% dos pretos que habitam as cidades, entre os 16 e 62, está desempregado.

Mais de 66% dos filhos dos pretos nascem fora do matrimônio. A média de filhos ilegítimos é 10 vezes (!!!) superior a dos brancos.

A Índia tem 834.000.000 de habitantes que falam 150 idiomas e dialetos diferentes. Quando as chuvas de Monção são insuficientes, morrem de fome em média 2.000.000 a 6.000.000 de pessoas por ano. A Índia tem a taxa de nascimentos mais alta da Ásia, um dos mais baixos índices de renda per capita do mundo, e uma taxa de analfabetismo próxima de 70%.

Os trens e o sistema ferroviário indiano não são reparados desde a retirada dos europeus, de vez em quando conseguem alguma ou outra ajuda da ONU ou de organizações "pró-terceiro-mundo", ou que é o mesmo, tecnologicamente vivem das ajudas da Europa por falta de iniciativa.

A África do Sul era o pais mais rico e avançado da África, produzindo cerca de 75% do PIB do continente. 87% do Seguro Social preto era custeado pelo branco. Isto incluía alimento, vestuário, capacitação, moradia, educação e saúde; inclusive as pensões de aposentadoria. O

hospital maior da África, que atendia exclusivamente a pretos e efetuava cerca de 1.800 operações cirúrgicas por mês, estava na África do Sul.

Hoje em dia, depois de 10 anos de governo preto a República Sul-Africana foi defina pela Organização Mundial da Saúde como o "centro mundial do delito", é o pais (sem estar em guerra) mais violento do mundo, há 4 vezes mais assassinatos que nos EEUU, duas vezes mais que a Rússia e 1,5 vezes mais que a Colômbia, as ruas das grandes cidades estão desertas e milhares de brancos, chineses e hindus assentados no país dos tempos do Império Britânico, fogem para a Europa e EEUU.

O continente africano, o mais rico do planeta em terras, clima e minerais, apenas alcança 3% do comércio mundial.

Os contribuintes norte-americanos gastaram cerca de 2.5 bilhões de dólares tratando de melhorar os pretos desde 1960, nesta cifra se incluem casas grátis, reservas de empregos públicos, ajuda social, pensões, disposição de escolas e centros estatais, melhora de bairros habitados por pretos (lhes dão de presente um bairro, em 5 anos o conseguem destruir, o estado gasta seus milhões para reparar-lo e de novo em outros 5 anos conseguem destroça-lo), bolsas universitárias exclusivas, etc, etc.

A CULPA É DOS BRANCOS

Era Nietzsche quem falava dos povos pobres e também Jean Cau, daqueles que passam a história chorando por falta de valor "do que quebrar suas algemas" (do que lutar para melhorar). O certo é que muitos anti-racistas e muitos povos (entre eles o judaico, o mais lamentador e chantagista da história) contestam o antes exposto que não é culpa sua, é da colonização, da escravidão, da opressão, e que o clima e a geografia tal, de que se a avó fuma, etc. Deixando de lado considerações morais do por que seu povo foi atacado, não tiveram a suficiente valentia de lutar por seus direitos, tenho aqui alguns dados objetivos:

ISLÂNDIA

Esta nação é a única hoje em dia 100% branca, poucas centenas de kms do pólo norte a terra é vulcânica, não arável quando é verão ou primavera e coberta de gelo e neve a maior parte do ano. Só 1% das terras são cultiváveis. O interior do país está deserto (vulcões, gelo, etc). Não há carbono, nem rios navegáveis, pouca madeira, está a mais de 5 horas de avião das principais capitais européias e a mais de 10 dos EEUU. Tem todos os ingredientes para ser um desastre social, porem, Islândia, habitada por brancos é a 2º nação mais desenvolvida do mundo depois da Noruega, tem o melhor Serviço Nacional de Saúde (National Health Service, NHS) do mundo, a taxa mais alta de telefones e televisores por

habitante, a taxa de criminalidade mais baixa do mundo (duas vezes mais segura que a Suíça), na educação média islandesa a maior parte dos estudantes se graduam com um mínimo de três idiomas além do próprio.

HAITI

O único pais 100% preto da América, na época que foi colônia francesa produzia mais riqueza que as 13 colônias norte americanas; o Haiti nesses anos era habitada por 40.000 brancos, 27.000 mestiços e 450.000 pretos, abastecia toda a França e grande parte da Europa de alimentos. Em 1791 os 450.000 pretos e seus primos mestiços começaram um genocídio contra a população branca, em 13 anos (1804) 40.000 franceses haviam sido assassinados ou feitos emigrar (isto é limpeza étnica acredito eu). Desde 1804 Haiti é um pais soberano sem nenhuma classe colonial organizada pela população preta, a qual se encontra com o mesmo clima e as mesmas infra-estruturas que utilizaram os europeus. O país está a meio caminho dos EEUU e da América do Sul, sendo a porta natural de entrada para o Caribe, o clima permite obter várias colheitas ao ano. E porém: Entre 1844 e 1915 só um governo haitiano concluiu seu mandado, 14 presidentes foram expulsos do poder por golpes militares, um envenenaram, outro queimaram, outro meteram bala, e outro foi esquartejado e comido por uns manifestantes. Não existem rodovias, é o estado mais atrasado da América e o mais atrasado do mundo fora da África. O PIB é ridículo, apenas há jornais e escolas. Se pratica o canibalismo, não se tem construído um quilômetro de estrada de ferro em 200 anos.

ESPANHA, ALEMANHA E JAPÃO

Quando os povos decidem não ser "vitimistas": a Espanha em 1939 caiu na maior das catástrofes, 3 anos de guerra civil, 1.000.000 de mortos, centenas de milhares de feridos, o pais destroçado, as reservas de ouro roubadas pela União Soviética, se por si fosse pouco três meses depois estoura a Segunda Guerra Mundial, o resto da Europa será destruída por esse conflito, pela qual os espanhóis não podiam esperar ajuda exterior alguma para a reconstrução nacional. E porém, só 20 anos depois a Espanha não só se recuperou, mas que se coloca entre os 10 paises mais avançados do mundo, aparece quilômetros de rodovias, lagos, linhas férreas, indústrias, etc. Apesar das milhares de vítimas da guerra, das seqüelas tanto psicológicas como demográficas (na guerra, mais as perseguições da pos guerra mais as famílias destruídas se perde uma geração inteira) a Espanha avança.

Alemanha e Japão são com diferença os povos mais destruídos e massacrados na SGM, 90% das cidades alemãs desaparece sob as bombas aliadas, os bombardeios terroristas, sobre áreas não militares,

produzem 3.000.000 de mortos civis, os sionistas bombardeiam pontes, represas, hospitais (Dresden, cidade hospital declarada território sem armas, é arrasada), até lançam bombas incendiárias sobre os campos para forçar ao país por fome, ao final da guerra é dividida em quatro zonas de ocupação e durante 44 anos em dois paises artificiais, não é até final dos anos 90 em que os exércitos de ocupação abandonaram solo germânico. Na posterior repressão se chega a julgar 10.000.000 (DEZ MILHÕES) de alemães, uns milhares são executados e o resto condenados à morte civil, sem direitos em seu próprio pais. Apesar disso, 30 anos depois a Alemanha era mais rica e avançada que qualquer um dos paises que a declararam a guerra, na teoria deveria ser ao contrário, se na África se queixam de seu atraso por que dizem que se os europeus fizeram tal coisa há 50 anos, a Alemanha deveria de ser hoje a região mais atrasada da Europa, o mesmo que Japão, massacrado com duas bombas atômicas, objetivo de milhões de toneladas de bombas: Tokio, Yokohama e Osaka terminaram a guerra tanto ou mais destroçadas que Hiroshima, terminado o conflito Japão sofre outra repressão similar à da Alemanha, não tão selvagem em número mas sim da mesma forma, com um Mac Arthur de governador geral e os grandes sionistas da Europa e dos EEUU enriquecendo-se com poder das empresas japonesas. Se por si fosse pouco, o Japão fica reduzido ao território que hoje é, sem carbono nem minerais. Com tudo isso contra os japoneses (que tinham motivos para passar os próximos 100 anos se queixando) fizeram como os espanhóis de 1939 ou os alemães de 1945 e a princípios dos anos 70 não só tiveram reconstruído sua nação, inclusive ultrapassam em desenvolvimento e poder econômico os quais a destruíram.

A QUESTÃO DA ESCRAVIDÃO

Já temos visto que o Haiti não pode jogar a culpa de seus males nos europeus, pois já estão a mais de 200 sozinhos, não seria demais esclarecer alguns pontos:

NÃO SÓ OS PRETOS FORAM ESCRAVOS

"Quando os donos de plantações tinham trabalhos perigosos que fazer contratavam imigrantes irlandeses (brancos) antes que arriscar a vida de seus caros e custosos escravos pretos. Assim cruelmente: havia muitos irlandeses, não importava a morte de alguns, os escravos pretos em contraste custavam mais aos seus donos" Thomas Jackson, 1995.

"Os judeus da Idade Média na Espanha se dedicaram ao comércio de escravos, já na Espanha dos Visigodos o Concílio X de Toledo (ano 656) lhes proíbe exercer-lo, proibição que desapareceria com a invasão mulçumana, no momento em que estabelecem redes de escravos a nível industrial. Os importavam até da atual Iugoslávia, tal quantidade de

polacos, eslovacos, sérvios, croatas, etc chegaram a escravizar que a mesma palavra ESCRAVO, é uma evolução de ESLAVO".

Mas os sefarditas, além disso, traficavam com eunucos, trazendo escravos de Verdum para Lucena (Córdoba), onde os médicos hebreus os castravam e posteriormente enviavam aos haréns mulçumanos.

Neste assunto de tão espanhóis como os demais há um dado definitivo e por sua vez censurado pelos historiadores oficiais, e é que os judeus recorriam aos campos de batalha para comprar prisioneiros cristãos, ou seja, espanhóis, os mouros, para vender-los depois como escravos em algum mercado do Mediterrâneo.

Esta conduta deixa como inocente e ingênua qualquer adaptação de qualquer código penal do mundo, sobre temas relativos a delito de traição e relativos à segurança nacional.

Depois da batalha de Uclés (Cuenca) de 1108, na qual chegou a morrer o infante Sancho, filho de Alfonso VI, os comerciantes judeus compraram feridos e presos cristãos no mesmo campo de batalha.

Pelo historiador Al Maggarí sabemos que depois da batalha de Alarcos de 1195, na qual o exercito de Alfonso VIII foi massacrado e a população arrasada (se construiu muito perto a atual Cidade Real), muitos judeus compraram, no cenário da batalha, a sobreviventes do exercito e do povo para vender-los depois com interesses, nos mercados da Andaluzia mulçumana ou no Norte da África.

Seguramente os estudantes de Uclés e Cidade Real houveram sido educados sobre a intolerância dos maus Reis Católicos e dos bons Sefarditas expulsos, mas estamos seguros de que jamais lhes contarão estes fatos ocorridos no passado.

Escritos Políticos, pág 1741 à 1782, Espanha 1992"

O império romano escravizou a 1.000.000 de gauleses (de Gália na França, um antigo grupo de povos celtas que habitou este lugar) e helvécios (da Suíça), em Hispania, depois da destruição de Numância os vencidos Ibéricos eram enviados carregados em cadeias para Roma. Este costume de vender os soldados hispânicos, vencidos no campo de batalha, durou até que os próprios donos romanos rejeitaram ter hispânicos ao seu serviço, dado o costume que tinham de matar seus donos ou se suicidar antes que servir.

Até o Século XI milhares de irlandeses e flamengos (de Flandres) eram vendidos em Rouen (França), e outro centro escravista era Córdoba em Al Andalus.

A metade dos colonos brancos que chegam a América do Norte entre 1609 e 1800 fizeram isso fugindo da escravidão. A famosa figura literária e televisiva do "mordomo" britânico é uma reminiscência do escravo: camponês pobre galês, escocês ou do sul da Inglaterra, propriedade das famílias de muitos bens durante toda sua vida, os quais o utilizarão como mercadoria.

Em 1640 dos 25.000 escravos de Barbados, 21.000 eram brancos, a maioria irlandeses ou franceses culpados de pequenos delitos. Depois da conquista da Irlanda pela Inglaterra no século XVII 100.000 irlandeses foram vendidos nos territórios britânicos da Índia.

Até 1915 os irlandeses foram praticamente escravos da Inglaterra, sem nenhum direito civil inclusive em seu país.

Em 1656 o coronel William Bryne importante nas províncias da Índia, escreve para seu governo para que suba os preços dos irlandeses e escoceses escravos em plantações para que assim seus donos não os assassinassem.

Em 1670 se documenta a saída de 10.000 deles para a América do Norte.

As crianças sem lar da Inglaterra tinham costume de ser capturados e vendidos, a história de Oliver Twist é algo mais que literatura; vendidos para servir nas minas, em casas de nobres, em fábricas, etc.

No mesmo dia em que o parlamento britânico abolia a escravidão (para os pretos) as chaminés desse mesmo edifício eram limpas por crianças atadas em cordas pela cintura, que com escovas realizavam esse perigoso trabalho. Estas crianças eram vendidas e compradas pelos "donos-de-chaminés", existia um pequeno mercado em Londres onde se avaliava o peso, o tamanho e com certeza colocavam preços às crianças.

Alguns meses depois o mesmo parlamento se negava a proibir a venda de crianças por considerá-lo "uma intromissão no DIREITO À PROPRIEDADE dos "donos-de-chaminés"".

Certamente, curiosamente e da mesma forma que ocorre hoje em dia com as ONGs no ano de 2002 que só tem olhos para os direitos (nunca deveres) dos não brancos, nenhuma das numerosas associações anti-escravistas ou Abolicionistas da época protestou também, nem pela venda de irlandeses na Índia nem pela escravidão infantil.

O escravo mais famoso da história é sem dúvida Miguel de Cervantes, capturado pelos turcos e vendido em Argel (Argélia), onde esteve 5 anos até que seus familiares e amigos COMPRARAM sua liberdade. Jeant Dumont define o Império Turco como o "império mafioso", pois sua principal fonte de renda era o tráfico de pessoas. No Argel onde Cervantes passa 5 anos há uma média de 30.000 escravos adultos e 10.000 menores e mulheres, todos brancos de paises ocupados (Grécia,

Sérvia, Hungria) ou italianos, franceses e espanhóis capturados em suas incursões armadas por costas mediterrâneas. O Norte da África e Turquia são um gigantesco campo de concentração, o mesmo Papa Leão X está a ponto de ser capturado por uma invasão perto de Roma. Especialmente cruel é a ocupação na Croácia, Sérvia e Grécia onde povos inteiros são vendidos. Semanalmente se vendem e ou emprestam por dinheiro europeus, os contratos só estão permitidos a berberes (da antiga Barbária, região norte da África) e turcos e o Sultão deve receber uma lista das operações a efeitos de impor impostos. Os brancos não vendidos são mandados à prisão ou aos locais onde se extrai pedras. Pere Michel Ricat, em um estudo sobre este fenômeno calcula que na época do esplendor do império otomano, 1.000.000 de brancos são escravos dentro de suas fronteiras.

Este genocídio termina em 1571 quando os europeus decidem não ser escravos de ninguém (!!!), Espanha, Veneza, A Ordem de Malta, Sabóia (região francesa e italiana) e Genova criam um gigantesco Exército de mais de 300 navios, com 80.000 soldados dos quais 60.000 são espanhóis dos Regimentos de Infantaria, e em 7-10-1571 massacra o exército turco em sua própria terra, na batalha de Lepanto onde as forças hispano-aliadas causam 30.000 mortes aos turcos por 8.000 próprias. Sucessivas expedições militares espanholas ao Norte da África arrasam as cidades-campo de concentração.

Na mesma batalha de Lepanto, 15.000 escravos brancos presos nas prisões turcas se rebelam para lutar ao lado de seus compatriotas.

VENDIDOS POR SEUS PRÓPRIOS IRMÃOS-DE-SANGUE

Faz falta ter muita cara e muito desejo de "vitimismo" para que os africanos e em geral os pretos acusem os brancos e à escravidão de todos os seus males. Muita cada por que a escravidão além de ser um negócio na qual participaram judeus e árabes, além de que milhares de brancos também passaram por essa situação, além também de que o único povo no mundo que tem ilegalizado o tráfico de pessoas (desde 1800) têm sido o branco e além de que hoje em dia se seguem comprando e vendendo pessoas na África e na Ásia, além de tudo isso a escravidão tem sido o maior negócio do preto no passado Milênio.

Os principais comerciantes era os chefes (pretos) das tribos, Richard Hellie, especialista em história africana relata que em 1930, 130 anos depois de ilegalizada a escravidão na Europa as tribos pretas seguiam se atacando para conseguir escravos. Ao longo do século XIX 70% dos tuaregs (povo nômade norte africano que habita o deserto do Saara) eram escravos de outros povos africanos e na região do Sahel 20% de pretos eram escravos de outros povos pretos.

Sudão é o caso mais conhecido de escravidão já que as câmeras de TV filmaram nos armazéns onde hoje em dia, em pleno 2002 se vendem pessoas, embora a prática alcança toda a África preta e a grande parte dos paises mulçumanos.

Libéria, o primeiro estado preto da África, fundado pelos Estados Unidos em XIX, para que os escravos libertados na guerra de Independência pudessem viver e se organizar em liberdade como povo, foi advertido pela ONU por praticas a escravidão. Dinesh de Souza documenta como depois de ser ilegalizada a escravidão na Inglaterra e suas colônias os primeiros em se queixar foram os reis e chefes pretos de tribo, enviando a Londres embaixadores para tentar mudar as novas leis e que não lhes desfizessem o negócio.

De Souza é claro e contundente: "Os africanos nunca se opuseram à escravidão, a denunciaram quando eram escravos mas enquanto não havia leis praticavam alegremente. Em 1830 e no EEUU, 3000 pretos que haviam obtido a categoria de homens livres tinham à seu serviço a mais de 8000 escravos pretos".

Os reinos de Gana, Songai e Mali viveram da escravidão durante anos, seus habitantes alcançaram um grande nível de vida vendendo a compatriotas do centro da África, caciques pretos como o imperador Mansa Musa se dava o luxo de enviar expedições comercias aos mercados da Argélia e comprar centenas de escravos europeus ou persas.

A imagem dos "negreiros brancos" com redes pelas selvas africanas é uma mentira histórica, os europeus, judeus e árabes escravistas apanhavam sua mercadoria nas cidades costeiras que, dito seja de passagem, se fazia muito ouro com a venda de seus irmãos-de-sangue.

O professor de Cambridge, John Thorton afirma que o primeiro negócio da África durante séculos foi a venda de "vizinhos" aos negociantes de escravos, Thorton realça que durante séculos os africanos não levantaram uma só fábrica nem araram os campos, isso sim, vendiam-se uns aos outros com a mais crua lei da selva: as tribos mais violentas arrasavam os povoados das mais pacíficas só em busca de colegas que vender nos portos da Costa Ocidental.

Em 1848, ano em que a França abole a escravidão, os reinos de Gâmbia, Congo e Dahomey enviam delegações à Paris para tentar seguir com o negócio.

UMA VERDADEIRA GUERRA RACIAL

Os brancos, tanto os dos EEUU como os da Europa, sofrem uma verdadeira guerra por parte dos não brancos em forma de CRIME e delitos.

Existem dezenas de comunidades brancas distribuídas pelo mundo, espanhóis no México, Venezuela, Argentina, portugueses em Angola, ingleses em Hong Kong, franceses Na Costa do Ouro (África ocidental), e NENHUMA SÓ delas forma bairros marginais nem ghettos, não há um criminoso espanhol em nenhum país da América Ibérica, pelo contrário em qualquer parte na Europa NÃO EXISTE um só bairro marginal 100% branco, de Marselha a Berlin passando por Lisboa ou Paris ali onde há imigrantes (legais ou não) se dispara a criminalidade. Na Espanha todos os bairros marginais antes dos anos 90 estavam habitados por ciganos, nunca existiu uma cidade espanhola sem seu foco de marginalidade. Com a invasão do terceiro mundo (invasão preta, pois levando em consideração que, na maioria, é só preto que imigra para lá em busca de fáceis bem-estar-social e comodidades afins) a Espanha (como o resto da Europa, e como as grandes cidades dos EEUU) sofre uma onda criminosa sem procedentes:

Em 1988 houve 9.406 estupros de brancas por pretos frente a 9 (9!!!) de pretas por brancos, tendo em conta que nos EEUU há 10 brancos por preto aproximadamente, a proporção de estupradores pretos é de 1.000 por branco, ou seja, para cada 1.000 estupros nos EEUU, 1 é de um branco e 999 é de pretos.

Relatórios oficiais do FBI (1996) relatam que 1 de cada 3 pretos está na prisão ou em liberdade provisória, uns 827.400 pretos, são 39% dos detidos por tráfico de drogas, 13% dos drogados e 51% da população penitenciária.

Em Londres 50% dos delitos foram cometidos por pretos, dado oferecido em 1987 por JP Rushton na 39ª Edição de Criminologia, celebrada em Montreal.

Em Washington DC a metade dos pretos entre 18 e 35 anos está ou esteve na prisão, dados de 1992.

Para cada assassinato cometido nos EEUU por um branco se produzem 13 por pretos (uma proporção de 1 para 130).

Um de cada quatro pretos entre 20 e 29 anos esteve ou está na prisão, apesar de ser 12% de toda a população dos EEUU cometem 50% dos roubos, 60% dos assaltos e 50% dos estupros de toda a nação. 50% (A METADE) dos pretos dos EEUU serão presos por cometer um delito grave ao longo de sua vida. Em Nova York um branco tem 300 vezes mais possibilidades de ser atacado por um grupo de pretos que um preto por uma de brancos, em Chicago, Filadélfia e Los Angeles existe cerca de 50 grupos armados em cada cidade e nenhuma é de brancos: orientais, pretos, mexicanos, etc, entre os dois grandes grupos juvenis de Los

Angeles, somam 70.000 pretos armados, isto somado com os grupos latino-americanos e orientais, convertem a cidade californiana, no centro urbano com mais assaltos por arma de fogo do Ocidente. Em 1990 para cada branco detido por fraude se detinha 3 pretos, o caso mais famoso é o do prefeito preto de Washington DC, condenado por roubo e posse de droga em 95.

O Distrito de Columbia, área administrativa que engloba Washington, é o que mais dispõe dos policiais e também é o que mais gasta em julgamentos e prisões. 80% dos habitantes de Columbia são pretos, sendo o primeiro estado em roubos de carros, homicídios, assaltos e fraudes. A Virginia Ocidental, com a taxa de desemprego mais alta dos EEUU e os salários mais baixos, é o estado com menos delitos de toda a união, e o menor gasto em polícias e segurança, 96% dos residentes em Virginia são brancos.

Para cada branco que vive do Welfare (ajuda do estado aos pobres) há 5 pretos (apesar de ser 12% da população). 35% dos pretos que vivem em centros urbanos dos EEUU (cidades de mais de 200.000 h) são drogados ou alcoólicos crônicos.

EPÍLOGO DE TEXTOS INTERESSANTES

O que jamais te contarão os usurários das emissoras de canais.

Manipulação:

"Quando Robert Lichter e Stanley Rothman pesquisaram mais de 600 programas emitidos durante três décadas, em horário nobre, descobriram que "nove de dez" homicídios na TV eram cometidos por brancos. Só três em cem homicídios na TV foram cometidos por pretos. Os pretos têm 18 vezes menos possibilidades de cometer homicídio na TV, que na vida real".

Dinesh D'SOUZA, 1995, The End of Racism. New York: The Free Press

Um juiz decidiu em 1993 manter à escola de Yonkers, N.Y., sob tutela judicial, até que os brancos e pretos obtivessem essencialmente as mesmas notas nos "exames" Thomas JACKSON, 1995, American Renaissance, xii. (Resumo de D.Armor, Forced Justice: School Desegregation and the Law, Oxford University Press.)

"Inclusive os africanos educados são incapazes de aceitar que é possível ser racista e preto simultaneamente, apesar de que ainda possuem o que nós chamaríamos escravos, e de cuspir no solo para limpar suas bocas, depois de murmurar só o nome dos Dowayos (uma desprezada tribo "subdesenvolvida" do norte do Camarão). O duplo modelo foi

descaradamente e cruelmente exemplificado por um colega estudante com quem estava discutindo sobre o massacre de brancos no Zaire. Bem que mereciam, sustentou, eram racistas. Poderias dizer que todos eram racistas por que todos eram brancos, significa que ele poderia pegar a uma mulher Dowaya como esposa? Ele me olhou como se estivesse louco. Um fulano não poderia se casar com uma Dowaya. Eles eram cachorros, simples animais, O que tinha que ver com racismo?"

Nigel BARLEY, 1983, The Innocent Anthropologist. London : British Museum Publications.

"Como afro-americano (preto), estou farto dos taxistas de Washington; farto de acenar à 5 táxis antes de encontrar um que me leve para casa; farto de sentir raiva, vergonha e frustração quando os condutores juram que estão fora de serviço e depois sobem um cliente branco, antes que eu dê a volta à esquina. Os taxistas, pretos, os quais vêm da África, os caribenhos e os do Oriente Médio, dizem que não querem apanhar passageiros afro-americanos por que temem ser roubados, assaltados ou assassinados. Um taxista nigeriano me disse que só apanhava afro-americanos que estavam bem vestidos como homens de negócio".

Gregory WRIGHT, 1993, 'Fare game'. Washington Post, 20 vi, p.C-8.

Em 1988, a província Chinesa de Gansu adotou uma lei eugênica para melhorar a "qualidade da população" (segundo as autoridades) proibindo o matrimônio dos retardados mentais, a menos que se submetessem a esterilização. Leis semelhantes foram adotadas desde então em outras províncias, com a aprovação do primeiro ministro Li-Peng. O slogan da campanha era "Idiotas geram idiotas". Também o primeiro ministro de Singapura, Lee Kuan Yew, criticou às mulheres educadas de seu pais sua taxa de nascimentos, alarmantemente baixa, quando se supõe que eles são os possuidores de inteligência. Essa negação da elite à se reproduzir estava diminuindo, segundo ele, a qualidade da dotação genética do pais. Desde então oferece à tais elites matrículas especiais na escola e incentivos diversos para incrementar sua fecundidade. Às suas irmãs menos educadas ofereceram os mesmos incentivos para que se esterilizem voluntariamente, depois do primeiro ou segundo filho.

Traduzido por Nacionalista88